



Tiffany, do Osasco, poderá ser a principal afetada pela decisão da CBV

Vôlei brasileiro exige teste genético que bane mulheres trans

A CBV (Confederação Brasileira de Voleibol) anunciou, na sexta (14), que passará a limitar as competições femininas exclusivamente a atletas do sexo biológico feminino. A decisão terá impacto na jogadora Tifanny Abreu, uma mulher trans que atua no Osasco São Cristóvão Saúde e que fez muito sucesso na Superliga feminina de vôlei. A decisão alinha o vôlei brasileiro às regras do COI (Comitê Olímpico Internacional) e da FIVB (Federação Internacional de Voleibol). A confederação informou que o objetivo é garantir que os critérios nacionais sejam os mesmos adotados internacionalmente. A comprovação do sexo biológico feminino será feita por testes do gene SRY. A avaliação ocorrerá por meio de triagem genética, permitindo exceções apenas em casos específicos previstos na nova política.

Presidente da CBV alega “adequação” ao COI

A nova exigência vale a partir de agora para as principais competições do país. A lista inclui a Superliga A e B (temporada 2026/2027), a Supercopa 2026, a Copa Brasil 2027 e as competições nacionais de vôlei de praia. O presidente da CBV, Radamés Lattari, disse que a mudança garante igualdade com o cenário externo. “A decisão se adequa ao COI e deixa nossos campeonatos equiparados com as competições internacionais”, afirmou o dirigente. O Osasco prestou apoio a Tiffany e prometeu acionar o departamento jurídico.



Radamés Lattari, presidente da CBV, diz que decisão se iguala ao COI

Modelo já foi utilizado na Liga das Nações

A triagem do gene SRY é descrita pela área médica como um processo simples e seguro. “A coleta de material é feita de forma pouco intrusiva e altamente precisa”, garantiu João Olyntho, presidente do Conselho de Saúde do Voleibol. A restrição internacional foi aprovada originalmente em setembro de 2025. O modelo adotado pelo Brasil segue a Política de Proteção da Categoria Feminina do COI, publicada em março de 2026 e já usada na Liga das Nações deste ano.

Tiffany se pronuncia contra a decisão da CBV

“É um enorme retrocesso na luta pelo reconhecimento e inclusão de todas as pessoas no esporte. Voltamos para uma forma vexatória, como se testavam as atletas nos anos 60 e 70. Estamos em 2026. Não podemos ter esse retrocesso jamais. Não vou me calar. E vou tomar todas as medidas possíveis para que minha luta pelo direito, visibilidade, inclusão e prática do esporte não tenham sido em vão”, disse Tiffany.

Calderano eliminado

Nas quartas de final do Smash da Europa, disputado no sábado (15), na Suécia, o mesatenista brasileiro Hugo Calderano foi derrotado para seu principal rival, o francês Félix Lebrun, número 5 do mundo, e deixou a competição. O brasileiro perdeu por 4 sets a 1, com parciais de 16/14, 11/7, 8/11, 11/4 e 11/5.

Rivalidade antiga

A rivalidade entre o mesatenista brasileiro e o atleta francês é antiga. Eles já se enfrentaram 10 vezes, e Félix levou a melhor em sete delas. Ainda assim, Hugo Calderano segue como oitavo colocado no ranking mundial e continua vivendo sua melhor fase na carreira. O atleta é o maior da modalidade na história do Brasil e merece apoio.

Virando a chave

A vitória do Fluminense por 3 a 2, de virada, sobre o Palmeiras no Maracanã, no sábado (15), é uma virada de chave para o Tricolor na temporada. Primeiro jogo sob comando do auxiliar permanente, Marcão, o time do Fluminense demonstrou mais organização, disposição e comprometimento tático, brigando pela vitória até o último lance.

Igor Rabello preocupa

A vitória, porém, ficou marcada pela lesão do zagueiro Igor Rabello, que deixou o campo aos sete minutos do segundo tempo, após cair sobre o próprio braço em uma dividida com Sosa, do Palmeiras. Ele foi submetido a exames de imagem no domingo, que detectaram uma luxação acromioclavicular. Uma intervenção cirúrgica não está descartada.

Montoro no centro

Um dos principais meias do Botafogo, o argentino Álvaro Montoro é alvo do projeto da nova SAF do clube, que quer ter o jogador como peça central dessa nova era alvinegra. O contrato do meia vai até o final de 2029, mas a diretoria botafoguense já abriu conversas para estender o vínculo com o atleta visando também se resguardar na próxima janela de transferências.

Vasco de olho nos ‘Crias’

Com apenas dois reforços na janela de transferências, o Vasco priorizou a contratação de atletas revelados pelo clube, mas não obteve sucesso. Nomes como Gabriel Pec (Cruzeiro), Evander (FC Cincinnati), Marlon Gomes (Shakhtar Donetsk) e Douglas Luiz (Juventus) foram monitorados, mas as negociações esbarraram nos altos valores pedidos pelos clubes.



Atual presidente da CBAt, Wlamir Motta Campos

Muito marketing e pouca gestão

O atletismo brasileiro não pode continuar pagando pela inércia e pelas falhas de quem deveria proteger a modalidade

O episódio envolvendo a utilização das marcas da Caixa e das Loterias Caixa em publicações de natureza político-partidária não pode ser tratado apenas como uma conduta individual. A CBAt administra o programa, seleciona seus participantes e tem o dever de orientar, fiscalizar e impedir o uso inadequado das marcas de uma empresa pública.

As publicações estavam expostas nas redes sociais. Por que a direção da Confederação não identificou o problema antes que ele alcançasse o patrocinador e colocasse em risco uma parceria construída durante décadas?

A reação da entidade somente ganhou força depois da repercussão pública. Notificações e promessas de apuração são necessárias, mas não apagam a demora nem explicam por que os controles preventivos falharam.

É nesse ponto que o presidente da CBAt, Wlamir Motta Campos, precisa assumir sua responsabilidade.

Nos últimos anos, a comunicação da Confederação passou a ser fortemente associada à sua figura. Viagens, cerimônias, entrevistas, encontros e conquistas recebem intensa exposição pessoal. Em muitos momentos, torna-se difícil distinguir a divulgação institucional da promoção individual do dirigente.

Essa postura transmite a imagem de uma gestão centralizadora, personalista e marcada pelo exibicionismo. O presidente aparece para anunciar resultados, celebrar eventos e ocupar o centro das imagens. Quando surge uma crise, porém, a resposta é tardia ou insuficiente.

HÁ MUITO MARKETING PESSOAL E POUCA GESTÃO

Uma confederação esportiva não pode funcionar como instrumento de projeção de seu presidente. Sua comunicação deve valorizar os atletas, trei-

nadores, federações e profissionais que efetivamente constroem a modalidade.

A centralização também amplia a responsabilidade. Se as decisões, a representação e a visibilidade institucional estão concentradas no presidente, ele não pode, diante das falhas, transferir integralmente a responsabilidade para terceiros.

QUEM CENTRALIZA O PODER TAMBÉM CENTRALIZA A RESPONSABILIDADE

A CBAt precisa explicar quais regras existiam, como os participantes foram orientados, quem fiscalizava as publicações, quando a presidência tomou conhecimento dos fatos e por que não agiu anteriormente. Sem essas respostas, atribuir o episódio exclusivamente a uma conduta individual parece mais uma tentativa de preservar a direção do que o resultado de uma apuração transparente.

Resultados esportivos, contratos e premiações não conferem imunidade administrativa. Reconhecimentos de governança também não substituem governança efetiva.

A eventual suspensão do patrocínio não prejudica quem ocupa o centro das fotografias. Prejudica atletas, treinadores, competições, categorias de base e projetos sociais.

O atletismo brasileiro não deve pagar por atos isolados. Tampouco pode pagar pela inércia de uma administração personalista, excessivamente centralizada e mais preocupada com a imagem de seu presidente do que com a proteção institucional da CBAt.

A entidade precisa de menos exposição pessoal e mais transparência; menos discursos e mais fiscalização; menos centralização e mais gestão.

Presidir não significa apenas aparecer nas conquistas. Significa responder pelas crises.